

## O GÊNERO CHARGE SOB O PRISMA DE INTERTEXTUALIDADE E DA TEMPORALIDADE

Camilla dos Santos FERREIRA (Universidade Federal do Piauí)

**RESUMO:** os gêneros caracterizados pelo emprego da linguagem dos quadrinhos, devido às semelhanças que possuem, são muitas vezes considerados indistintamente. Trata-se, no entanto, de gêneros diferentes. Ao considerar a charge, observamos que, apesar de suas especificidades, há, muitas vezes, uma grande dificuldade em delimitar a diferença entre esse gênero e o cartum. Buscaremos examinar algumas especificidades do texto chárstico, diferenciando-o do cartum, e argumentaremos que, não raramente, a chave para distinção entre charge e cartum não está em elementos textuais, mas, sobretudo, em informações extratextuais. Como Romualdo (2000), consideraremos a intertextualidade como uma característica essencial para a definição do gênero charge. À intertextualidade todavia, acrescentaremos uma segunda característica, para nós constitutiva do texto chárstico, a temporalidade, entendida como a estreita relação da charge com um fato ou personalidade em evidência na época de sua publicação.

**PALAVRAS-CHAVES:** Intertextualidade. Temporalidade. Charge. Cartum.

### 1 Introdução

O presente trabalho procura divulgar parcialmente os resultados de nossa pesquisa de doutorado (FERREIRA, 2010), que teve por objetivo delimitar melhor o espaço do texto chárstico dentro do hipergênero dos quadrinhos, apontando, no entanto, a existência de muitas zonas de fronteira que possibilitam um diálogo rico e constante com outros quadrinhos, principalmente os de humor.

### 2 O problema das tipologias nos quadrinhos

A charge pode ser aproximada gêneros caracterizados pelo uso do icônico levando em conta diferentes aspectos. Por seu aspecto formal, assemelha-se aos cartuns, pois ambos são em geral constituídos de um único quadrinho. Pelo seu teor humorístico, o texto chárstico aproxima-se não só dos cartuns, mas também das tiras cômicas e de alguns tipos de histórias em quadrinhos, pois o humor é um traço comum aos textos pertencentes a esses gêneros. Pela especificidade da linguagem que utiliza, pode-se situar a charge ao lado dos cartuns, das tiras e das histórias em quadrinhos de um modo geral, pois todos esses gêneros exploram o que chamaremos nesse trabalho de *linguagem dos quadrinhos*. A pergunta que surge, em meio a essas possibilidades, é a de onde situar a charge e como relacioná-la a esses textos que possuem, em diferentes níveis, características semelhantes às dela. Essa questão nos leva a uma série de outras indagações de ordem mais abrangente, como: Devemos considerar a charge um quadrinho? Os quadrinhos são um gênero? Se forem, o que seria a charge? Que especificidades do texto chárstico o distinguiriam de outros quadrinhos de humor?

A distinção entre esses conjuntos de textos é uma tarefa árdua, pois eles possuem variados pontos de interseção e numerosas nomenclaturas. Com efeito, na literatura a respeito dos quadrinhos, os autores posicionam-se de maneira bastante diversificada em relação a como situar os diferentes gêneros que se aproximam do que se costuma chamar, de forma um tanto quanto intuitiva, de histórias em quadrinhos.

Em nosso trabalho, situamos a charge dentro de um grande rótulo, o dos *quadrinhos*, ao lado das tiras, das histórias em quadrinhos e dos cartuns. Esse grande rótulo, como assinala

Ramos (2007, p. 287-88), pode ser aproximado do conceito de *hipergênero* (MAINGUENEAU, 2006). Desse modo, o *hipergênero quadrinhos* agregaria diferentes gêneros, todos caracterizados por um traço comum, o emprego da *linguagem dos quadrinhos*, e a charge seria um dos gêneros que fariam parte desse conjunto. Dentre os diversos gêneros pertencentes ao *hipergênero quadrinhos*, há aqueles caracterizados pelo *tipo de discurso humorístico* (MAINGUENEAU, 2004), como é o caso das tiras de humor, da charge e do cartum. O conceito de *tipo de discurso* se aproxima do de *domínio discursivo* (MARCUSCHI, 2005), ambos caracterizados pela ideia de que os textos em circulação podem ser agrupados de acordo com as especificidades dos *discursos* que veiculam.

A charge é por nós entendida como um *gênero do discurso* autônomo. Acreditamos que ela que se distingue de outros gêneros dos quadrinhos dos quais se aproxima e, por isso mesmo, com os quais muitas vezes se confunde, não só pelo modo como organiza a linguagem dos quadrinhos e pelo seu viés humorístico, mas também – e principalmente – pela peculiaridade da forma como se relaciona com outros textos, sejam eles quadrinhos, ou não, sobretudo aqueles encontrados nos jornais. Isso porque o texto chágico teria como traço característico o estabelecimento de relações intertextuais instauradoras, necessariamente, de uma temporalidade. Assim sendo, o modo como o texto chágico dialoga com outros textos e o modo como esse diálogo permite que seja resgatada sua temporalidade seriam essenciais para distingui-lo dos outros gêneros dos quadrinhos.

### 3 A intertextualidade

Segundo a concepção de *dialogismo* bakhtiniana (BAKHTIN, 2006 e 2008), não há enunciado que não mantenha relação com outros enunciados, e que não esteja, de algum modo, vinculado àqueles que o precederam ou aos que o sucederão. Um enunciado nunca será completamente novo: ele sempre será o resultado de discursos anteriores, os quais não poderá evitar. Segundo Todorov (1981, p. 98), “todo discurso remete a pelo menos dois sujeitos, e, portanto, a um diálogo em potencial”, e esse diálogo deve ser compreendido em um sentido amplo, relativo à toda comunicação humana. O dialogismo bakhtiniano postula que o uso da linguagem está sempre atrelado à presença do outro, mesmo quando essa presença é apenas pressuposta, pois ela é essencial no processo de interação e interfere na comunicação. Todo discurso comporta, então, duas faces, pois se determina tanto pelo fato de proceder de alguém quanto pelo fato de se dirigir a alguém, constituindo-se como o produto da interação. Nas palavras de Bakhtin:

A orientação dialógica é, naturalmente, um fenômeno característico de todo discurso. É a orientação natural de todo discurso. O discurso encontra o discurso do outro em todos os caminhos que conduzem ao seu objeto, e não pode deixar de estabelecer com ele uma interação viva e intensa. Apenas o Adão mítico, ao abordar com o primeiro discurso um mundo virgem e ainda não dito, o solitário Adão, podia, de fato, evitar completamente essa reorientação mútua em relação ao discurso do outro, que se produz no percurso do objeto. (BAKHTIN, *apud* TODOROV, 1981, p. 98).

Dentro dessa perspectiva, o conceito de *intertextualidade* foi introduzido na área dos estudos literários por Julia Kristeva na década de 60, para se referir ao dialogismo bakhtiniano. A autora afirma que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é a absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade*” (KRISTEVA, 1974, p. 64). Nessa mesma direção, para Barthes,

todo texto é um intertexto; outros estão presentes nele, em níveis variáveis sob formas mais ou menos reconhecíveis [...]. O intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem raramente é recuperável, de citações inconscientes ou automáticas, feitas sem aspas (*apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 289).

Atualmente, o termo intertextualidade pode ser considerado sob dois pontos de vista distintos, pois “designa ao mesmo tempo uma *propriedade constitutiva de qualquer texto* e o conjunto das *relações* explícitas ou implícitas *que um texto ou um grupo de textos determinado* mantém com outros textos” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 288). Na primeira acepção, a intertextualidade é caracterizada como um elemento necessário para a existência do próprio discurso e pode ser considerada uma variante de interdiscurso. Na segunda, a intertextualidade é entendida como a relação existente entre textos cuja origem se pode determinar. Nessa linha, insere-se a distinção feita por Koch em 1986 e por ela retomada em estudos posteriores (KOCH, 2005, 2006) entre *intertextualidade em sentido amplo* (intertextualidade *lato sensu*), constitutiva de todo discurso, e *intertextualidade em sentido restrito* (intertextualidade *stricto sensu*), caracterizada apenas quando há a presença explícita, assinalada ou não pelo autor, de um intertexto.

Um cartum, na maioria das vezes, não remeterá a nenhum texto específico, mas a conhecimentos adquiridos através do contato com outros textos, os quais não é mais possível distinguir. Sua interpretação, portanto, exigirá em geral do leitor apenas o estabelecimento de relações intertextuais no sentido amplo. Já em uma charge, além das relações intertextuais desse tipo, haverá ainda invariavelmente um diálogo com outros textos contemporâneos à época de sua publicação. Sua interpretação, portanto, exigirá do leitor não só o estabelecimento de relações intertextuais no sentido amplo, o que é característico de todo discurso, mas também de relações intertextuais em sentido restrito.

As distinções entre intertexto e interdiscurso – ou entre intertextualidade em sentido amplo e intertextualidade em sentido restrito –, no entanto, não nos parecem produtivas para a compreensão do texto chágico. Isso ocorre porque, quando uma charge remete a um livro, um filme ou uma canção, por exemplo, ela retoma um texto específico, de modo que há um intertexto único, que pode ser facilmente apontado. No entanto, o que caracteriza o chágico enquanto tal é o fato de ele retomar sobretudo fatos ocorridos e veiculados por meio de diversos textos jornalísticos que, diferentemente do livro, do filme e da canção, são inúmeros. Nesse sentido, muitas vezes, nunca seremos capazes de afirmar precisamente que textos uma charge recupera: pode ser a notícia lida jornal do dia anterior, a chamada que se encontra ao lado da charge, uma reportagem assistida no jornal televisivo, uma conversa tida com uma pessoa conhecida etc. Assim sendo, a quantidade de *intertextos* possíveis para uma charge é muito grande e de difícil distinção, o que torna tênue a fronteira entre o intertexto e o interdiscurso. Seria, desse modo, bastante difícil e, muitas vezes, pouco produtivo buscar especificar em uma charge charge o que é de ordem do interdiscurso e o que é de ordem intertextual.

#### 4 A intertextualidade sob diversos planos

Assim como em qualquer texto, a intertextualidade na charge pode ocorrer em diferentes e variados níveis. Baseando-nos principalmente nos estudos de Koch (2005, 2006) Sant’Anna (2007) e Koch, Bentes e Cavalcante (2008), citaremos alguns deles. A menção que faz o texto ao seu intertexto pode estar explicitada (intertextualidade explícita) ou apenas sugerida (intertextualidade implícita), cabendo ao leitor sua recuperação. Um texto pode se relacionar com outros textos por possuir o mesmo tema que eles (intertextualidade temática) ou por aproximar-se deles em virtude de seu estilo (intertextualidade estilística). Pode ainda

um texto seguir a mesma orientação argumentativa dos textos com os quais dialoga (intertextualidade das semelhanças ou intertextualidade convergente) ou distanciar-se deles (intertextualidade das diferenças ou intertextualidade divergente). Com relação à autoria, o texto pode ter o mesmo autor de seu intertexto (intertextualidade com intertexto próprio), o intertexto pode pertencer a um outro autor (intertextualidade com intertexto alheio), ou ser um texto cuja autoria se desconhece (intertextualidade com intertexto atribuído a um enunciador genérico). Finalmente, o texto pode retomar o modo de organização de outros gêneros do discurso (intertextualidade intergenérica), o que também pode ser explicado a partir do conceito de *cenografia* (MAINGUENEAU, 20004). Esses diversos planos intertextuais, no entanto, apesar de nos ajudarem a compreender o funcionamento da charge, não nos ajudam a entender o que distingue a charge de outros quadrinhos de humor. Assim como ocorrem com as charges, também cartuns e tiras podem estabelecer relações intertextuais dos diferentes planos aqui comentados. É o que ocorre com o cartum de Quino analisado por Cañizal (2008, p. 255), que retoma a *Guernica*, de Picasso, em dois momentos distintos. Primeiramente, a reproduz fielmente, num caso de intertextualidade convergente, para, em seguida, retomar os elementos nela presentes com uma outra configuração, num caso de intertextualidade divergente. Observa-se, com esse exemplo, que a noção de intertextualidade, sozinha, não pode caracterizar a charge em relação a outros gêneros dos quadrinhos.

A polifonia e, principalmente, a intertextualidade são destacadas por Romualdo (2000) como elementos particularizadores do texto chárstico. Sua pesquisa mostrou que a charge pode se relacionar (i) com textos verbais, (ii) com textos visuais, (iii) conjuntamente com textos verbais e visuais, (iv) com a simbologia criada convencionalmente em torno de algumas datas<sup>1</sup>, (v) com outras charges. De fato, esses diversos planos intertextuais, por um lado, podem ser observados nas charges e nos ajudam a compreender melhor o funcionamento desse gênero do discurso. Por outro lado, no entanto, eles não são capazes de distinguir a charge de outros gêneros dos quadrinhos de humor, que podem também se relacionar, embora menos recorrentemente, com textos verbais e/ou visuais, conforme observou Romualdo em relação à charge jornalística. Esse é o caso, por exemplo, do cartum de Quino que se relaciona intertextualmente com a *Guernica*, de Pablo Picasso, comentada anteriormente.

Almeida (2002) observa as relações intertextuais sob três aspectos. Um deles, o *grau de vinculação* refere-se à importância do reconhecimento da relação intertextual para a constituição e identificação do texto. Segundo o autor, pode-se distinguir dois polos opostos entre os quais há, no entanto, uma gama de nuances. De um lado, há textos em que o estabelecimento do intertexto *não é fundamental* para a constituição de sua identidade, como acontece na citação e no discurso relatado. De outro lado, há textos em que a existência do intertexto *é fundamental*, pois, nesses casos, o texto se constrói "parasitariamente" em torno do intertexto, como acontece com a resenha, o resumo e a tradução. A noção de grau de vinculação pode nos auxiliar a compreender melhor a especificidade do texto chárstico em relação a outros quadrinhos de humor. A charge de Chico Caruso, publicada na primeira página do jornal *O Globo*, de 25 de julho de 2007, por exemplo, retoma a canção "Retrato em preto e branco", composta por Chico Buarque e Tom Jobim em 1968. O reconhecimento desse intertexto ajuda e enriquece a interpretação da charge enquanto tal, mas não é necessária para sua compreensão. Já o reconhecimento de um diálogo com textos sobre o "apagão aéreo" e sobre a crise por que passava o governo Lula naquela época são essenciais para a compreensão da charge e de seu teor crítico. Como ocorre nesse exemplo, quando uma charge retoma textos como filmes e canções, o reconhecimento desse intertexto em geral não é fundamental. No entanto, no texto chárstico, há invariavelmente um diálogo com textos jornalísticos contemporâneos ele, e a recuperação desse intertexto é essencial. Temos, nesse

---

<sup>1</sup> Para o autor, essa simbologia pode ser considerada como um tipo de relação intertextual devido ao fato de a data ser informada pelo próprio jornal.

último caso, o estabelecimento de relações intertextuais dotadas de temporalidade, e o estabelecimento dessa relação temporal é fundamental para a existência do texto chágico enquanto tal.

## 5 Temporalidade

O texto chágico, portanto, tem como característica fundamental a existência de relações intertextuais que são essenciais para sua interpretação. Esse diálogo ocorre com textos jornalísticos que se caracterizam por se referirem a fatos contemporâneos à época em que foram publicados, e é justamente por noticiarem esses fatos que se relacionam intertextualmente com a charge. Há, assim, uma dimensão temporal que é resgatada na charge e que é necessária para a interpretação desta. Desse modo, a intertextualidade entre a charge e esses textos é permeada pelo que chamaremos de *temporalidade*. Procuramos avançar em relação à pesquisa de Romualdo (2000) ao associar à intertextualidade a temporalidade. Esse autor, apesar de assinalar a necessidade de um diálogo estreito da charge com a notícia a qual comenta, não se detém mais especificamente na temporalidade que ela instaura. Durante suas análises, no entanto, fica claro que a intertextualidade ocorre porque os (inter)textos apresentados comentam acontecimentos ocorridos na época, cujo conhecimento é necessário para compreensão da charge. O autor deixa clara, portanto, a necessidade do resgate da dimensão temporal. No prefácio do livro publicado por Romualdo, feita por Jubran (2000, p. 1), observam-se igualmente indícios da necessidade do estabelecimento da temporalidade, como ocorre quando a autora afirma ser a charge uma

modalidade de manifestação comunicativa condensadora de múltiplas informações, cuja interpretação aciona *necessariamente* o conhecimento de um conjunto de dados e fatos contemporâneos ao momento específico em que se instaura a relação discursiva entre o produtor e o receptor da charge. [Grifo nosso]

Esse trecho reitera a necessidade de conhecimento, por parte do leitor, do assunto ao qual a charge se refere, conhecimento este que terá sido adquirido por meio do contato com outros textos contemporâneos ao momento de publicação da charge.

A noção de temporalidade é essencial, embora não seja, é claro, suficiente, para se delimitar o gênero charge, diferenciando-o de gêneros semelhantes, como é o caso do cartum. Isso ocorre porque a interpretação da charge depende necessariamente do conhecimento desse conjunto de fatos e dados contemporâneos ao momento específico de sua publicação, aos quais leitor e chagista tiveram acesso através do contato com textos jornalísticos e a partir dos quais se instaura a relação discursiva entre eles. Portanto, a intertextualidade particularizadora do texto chágico, conforme já observamos, se caracteriza pela instauração de uma estreita relação entre o assunto tratado na charge – bem como em seus intertextos – e um acontecimento específico ocorrido na época de sua publicação, o que a ancora temporalmente.

## 6 Charge e cartum

A charge é um gênero autoral que aborda com humor e crítica um tema jornalístico da realidade atual. Ela é um texto opinativo pautado em uma informação do noticiário jornalístico que não visa a produzir uma notícia nova, mas a comentar uma já existente com parcialidade e subjetividade. Como vimos, um elemento particularizador da charge é que o assunto nela comentado é fruto de uma relação de intertextualidade que é instauradora de uma temporalidade. O sentido da charge é construído a partir de um feixe de relações intertextuais



que se constitui em variados e diferentes níveis. Ao interpretar uma charge, o leitor deverá relacioná-la a conhecimentos que fazem parte de um patrimônio cultural mais geral e que não são marcados temporalmente. Por outro lado, é possível que ele precise também relacioná-la a textos efetivamente produzidos que também não são marcados temporalmente, como é o caso de filmes, livros e canções, sem os quais ele poderá fazer uma interpretação produtiva da charge, embora em um nível de profundidade menor. Finalmente, ele precisará *necessariamente* relacioná-la a conteúdos mais específicos, veiculados em textos publicados na mesma época. Instaura-se, então, uma relação de temporalidade, sem a qual um texto dificilmente será lido como uma charge.

O cartum se assemelha muito à charge não só pela utilização da linguagem dos quadrinhos e pelo seu viés humorístico e crítico, mas também pelo formato: como a charge, possui em geral uma única vinheta. No entanto, o cartum não se relaciona necessariamente com fatos efetivamente ocorridos no universo extratextual; ao contrário, aborda temas atemporais e privilegia o comportamento humano e suas contradições. Ele tem como foco, portanto, a crítica de costumes e a sátira aos comportamentos e valores do cotidiano sem, no entanto, se referir a um acontecimento específico, e, por isso, seu humor permanece mesmo muito tempo após sua publicação.

Devido às semelhanças que possuem esses gêneros, os termos charge e cartum são muitas vezes utilizados indistintamente. A diferença geralmente estabelecida entre eles, no entanto, que o último se refere à crítica de costumes, ao passo que a primeira se refere à crítica de um acontecimento ou personagem. Romualdo (2000, p. 21) afirma ser o cartum uma crítica de costumes sem referência temporal, ao passo que o texto chágico estaria ligado ao momento histórico em que é feito. No cartum, portanto, não há em geral uma relação direta do tema abordado com textos midiáticos contemporâneos à sua publicação sobre um determinado acontecimento, ao passo que a charge se caracteriza por ser portadora de um comentário a algum fato ocorrido na época e noticiado em textos jornalísticos. Em outras palavras, enquanto o cartum é atemporal, a charge é necessariamente dotada de temporalidade.

## 7 Algumas observações

Acreditando que um traço particularizador da charge seria a intertextualidade estabelecida entre ela e outros textos, verbais e/ou visuais, nos apoiamos em estudos anteriores para observar os diversos níveis de intertextualidade através dos quais uma charge poderia retomar um determinado texto. Na concepção de Romualdo (2000), a intertextualidade é um dos elementos integrantes da charge, pois seu tema é fruto da relação do seu conteúdo com outros textos, cabendo ao leitor a recuperação dessa relação para entender o texto. De fato, a intertextualidade é característica do texto chágico. No entanto, os níveis de intertextualidade observados por Romualdo, apesar de ocorrerem na charge, não a distinguem enquanto tal em relação a outros quadrinhos de humor. Também os diversos aspectos da intertextualidade que observamos, apesar de ocorrerem na charge, não nos pareceram capazes de caracterizá-la enquanto gênero. Observamos, no entanto, que as relações intertextuais são também instauradoras de temporalidade, outro traço característico da charge, capaz de distingui-la em relação aos outros quadrinhos de humor. Desse modo, as noções de intertextualidade e temporalidade, juntas, parecem evidenciar melhor o que há de específico na charge em relação a textos bastante semelhantes, como o cartum.

## Referências

ALMEIDA, Fernando Afonso de. Tradução e outras relações intertextuais. **Gragoatá**. n. 13, p. 85-104, 2. sem. 2002.

- BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 261-306.
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. Realismo grotesco. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 191-200.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FERREIRA, Camilla dos Santos. **Intertextualidade e temporalidade nos quadrinhos: um estudo da charge**. Niterói : Universidade Federal Fluminense, 2010. Tese (Doutorado em Letras).
- JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Apresentação. In: ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo das charges da Folha de S. Paulo**. Maringá: Eduem, 2000, p. 1-3.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Cristina & CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2008.
- KRISTEVA, Julia **Introdução à semanálise**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.
- ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo**. Maringá: EDUEM, 2000.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia**. São Paulo: Ática, 2007.